COMO VEJO A ABEM

Não é a ABEM uma instituição qualquer, nascida ao sabor das circunstâncias ou criada em razão dos interesses, maiores ou menores, de um grupo ou de uma classe.

Surgiu, sim — é o que acredito — da lucidez e da faculdade de previsão e antevisão de estudiosos atentos da medicina e do ensino médico, que vislumbraram a necessidade imperativa da existência de uma entidade que pudesse oferecer àquele ensino, um sentido de unidade dentro de uma renovação constante, como fator de dinamização e atualização.

Ao assumir sua presidência, em 1980, eleito, que fui, para o biênio 1982/1984, tinha nítida consciência dos problemas que se me deparariam em função dessa minha crença. Sabia, dos obstáculos que haveria de encontrar em termos de novas perspectivas para a educação médica, o que seria agravado por motivos estruturais do órgão, e pela pequena duração do mandato que me era conferido, em eleição, diga-se de passagem, direta, o que não me permitiria identificar soluções mais amplas e adequadas. Não obstante, esforços foram feitos e, não duvido, alguns deles surtirão efeitos.

Não teria sentido criar e manter uma instituição, que se quedasse na comodidade do estático. Uma instituição dessa natureza teria de ser essencialmente dinâmica e renovadora — (inovadora, também, quando a inovação fosse um condicionador de modernização) — e em sintonia com o processo social e político em todas as suas nuances.

Sob tal enfoque, afigura-se-me a ABEM como um ponto de convergência de opiniões, conceitos, experiências, levando a tomadas de decisões concretas e úteis.

Não há negar que em seus vinte e dois anos de existência, tem a ABEM procurado situar-se no melhor ângulo para estudos e medidas visando a melhor formação do médico. Mas há, às vezes, descaminhos que podem configurar, no fi-

nal, um delineamento profissional carente de substância, que representa significativa parcela em detrimento do desenvolvimento do contexto comunitário.

Impõe-se evitar esses descaminhos, em benefício do médico e, assim, da comunidade.

Uma das medidas de indubitável importância é, talvez, a que se vem tentando implantar no ensino médico brasileiro, referente ao sistema integrado docência/serviços. É assunto complexo e não pode ficar restrito a análises puramente didático/pedagógicas.

Creio que, sob este aspecto, está a ABEM a trilhar caminhos novos e certos.

Será inútil, suponho, a importação de técnicas ou modelos. As soluções, diz o bom senso, surgem da vivência dos problemas, das ações e reações geradas pela cultura de cada povo...

A posição da ABEM há de ser a de crítica e análise permanente e percuciente do que se faz em termos de ensino da medicina, respaldada em dados de avaliação a serem apresentados em escalas regulares.

À educação, como a entendo, compete dar ao homem a consciência do seu papel na sociedade, em função da preponderância desta sobre o indivíduo e, talvez, filosoficamente, mais do que isto, em função dele próprio como agente de fatores positivos e negativos dessa mesma sociedade, que dele deriva mas que o absorve.

E quando a educação está vinculada à saúde, binômio em que repousa o ideal da melhor qualidade de vida, a participação do educador médico no processo social e político é, irretorquivelmente, da mais alta relevância.

Visualizo, nessa colocação, um dos aspectos profunda e paradoxalmente vulnerável da ABEM.

Indaga-se às vezes insistentemente, e com razão, qual a meta primordial da ABEM e qual a forma didático-pedagógica para alcançar o objetivo a que ela se propõe.

Abstraindo-se possíveis divagações estatutárias, entendo que à ABEM cabe o papel de aliciadora de técnicas nativas que possam proporcionar perspectivas para a mais adequada formação do médico brasileiro de acordo com a realidade social do País.

Em nosso contexto social, no qual a carência alimentar sobressai como um dos mais destacados forjadores de doenças, o profissional de técnicas sofisticadas perder-se-á, impotente e frustrado.

Não se trata de visão pessimista. É uma constatação, não só de respeitáveis educadores médicos, mas, até de leigos inteligentes e curiosos. Notadamente daqueles que têm vivência e experiência em zona rural e, particularmente, em zona rural nordestina.

O nosso atual sistema econômico — é público e notório — não favorece o social, e o homem, esmagado por essa estrutura de fundamentos por assim dizer, medievais terá de ser acudido nos males nele provocados por essa mesma estrutura. É o mínimo que, pelo menos no atual estágio histórico lhe pode ser dado, para a sua sobrevivência, a que tem direito e não lhe deve ser subtraído.

Entendo, assim, que cabe à ABEM, a função de doutrinadora, para a consolidação de métodos que viabilizem a formação do profissional adequado ao meio, funcionando, ao mesmo tempo, como elemento de estímulo para a integração do educador com o educando e as áreas que oferecem campo para treinamento. Sua responsabilidade repousa na formação do médico com

uma recepção crítica do mundo que o cerca e com um único engajamento: o de agente cooperador para a realização de medidas propiciadoras de uma melhor forma de vida.

Com esse posicionamento, vejo a ABEM, como órgão que deverá ordenar uma linha de ação em dois segmentos: o apoio aos atuais Programas de Integração Docente-Assistencial, ajudando aos que neles se empenham, para que consigam sua implantação, no real, no palpável, no verdadeiro, sem "faz de conta", e o total amparo à implantação e viabilização de um Programa Nacional de Educação Médica — PNEM — a fim de que desejadas e esperadas mudanças no ensino da medicina se tornem possíveis.

Não poderá a ABEM, logicamente instituir, que é, congregada de representações nos diversos segmentos de escolas médicas, promover de imediato essas mudanças. Estas polarizariam o apoio dos Ministérios específicos, a força das entidades responsáveis pelos serviços comunitários na área de saúde, tudo isso sublinhado pela conscientização de que o homem, animal social, é o flucro de tudo e de todos.

Em razão de todos esses conceitos, é a ABEM — deve sê-lo — centro irradiador de normas e diretrizes, como forum para debates de idéias, como fonte de doutrina e de filosofia de ação.

É assim que a vejo e sinto.

Fernando Figueira
Presidente da ABEM